

Santander

Jornal dos trabalhadores do Santander | junho de 2017 | Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro - Federações e Sindicatos

SANTANDER ATUA DE FORMA IRRESPONSÁVEL NO MUNDO

No Brasil, banco extingue postos de trabalho; em Porto Rico, é um dos principais responsáveis pela crise que destrói a economia e a população da ilha; na Espanha, executivos são suspeitos de lavagem de dinheiro; e nos EUA, impede bancários de se sindicalizar

Com sede na Espanha, o Grupo Santander é o maior banco da zona do euro. Atua em dez mercados na Europa e Américas e é o principal conglomerado financeiro na América Latina, com destaque para o Brasil – onde o grupo tem seu maior lucro –, México, Argentina e Chile. Com tal posição invejável no setor financeiro, seria de se pressupor que tivesse responsabilidade social nos países onde atua. Mas não é o que se verifica.

No Brasil, mesmo com lucro recorde de R\$ 2,280 bilhões no primeiro trimestre do ano, o banco espanhol continua extinguindo empregos: foram 3.245 postos de trabalho eliminados em doze meses e 327 apenas nos primeiros três meses de 2017.

Na Espanha, sete ex-diretores de alto escalão

do banco são investigados por suposta lavagem de dinheiro e serão ouvidos pela Justiça, no dia 12 de junho.

Em Porto Rico, Carlos Garcia, ex-diretor do banco, foi um dos principais arquitetos de um modelo perverso de capitalização de juros da dívida pública, do qual o banco espanhol é um dos principais beneficiários. Esse modelo levou a ilha a uma situação extrema de desigualdade social, desemprego e pobreza. E o que é pior: dois ex-diretores do Santander – além de Carlos Garcia, o executivo José Gonzales – fazem parte de uma Junta, composta por sete membros, que impõe um remédio amargo para a dívida que eles mesmos contribuíram para tornar impagável: uma política de corte de gastos públicos que agrava ainda mais a situação calamitosa

da ilha, inclusive com fechamento de escolas e hospitais. Tudo isso para pagar juros de uma dívida da qual um dos principais credores é o Santander.

Nos Estados Unidos, o banco dá um péssimo exemplo de prática antissindical, ao impedir que seus trabalhadores se organizem em sindicatos.

“A forma como o Santander age nos países onde atua envergonha os trabalhadores do banco. Não podemos tolerar que uma instituição financeira desse porte, que lucra tanto nesses países, perpetue modelos abusivos, antidemocráticos e economicamente devastadores”, critica a presidenta da UNI Finanças Mundial, Rita Berlofa, que também é diretora executiva do Sindicato e funcionária do Santander. •



Um crime contra o povo de Porto Rico

Santander é um dos principais responsáveis por uma dívida perversa, que virou uma bola de neve por conta da capitalização dos juros, e tem aumentado a pobreza e o desemprego na ilha

Um pequeno território dos Estados Unidos no Caribe, onde a população, apesar de ter passaporte norte-americano, não pode votar para presidente do país. Onde 58% das crianças e adolescentes com idade inferior a 18 anos vivem na pobreza e uma em quatro pessoas sofre de fome ou insegurança alimentar. A condição precária da ilha tem se agravado a passos largos, diante de uma dívida perversa, que tem como um dos principais arquitetos e beneficiários o banco Santander.

Entenda – As condições perversas dos emissores de bônus da dívida de Porto Rico, entre eles diretores do Santan-

der, determinaram a capitalização dos juros. Isso significa que, todos os anos, os juros acumulados são convertidos em capital e acrescentados ao montante inicial. É sobre esse montante, cada vez maior, que são calculados os juros dos anos seguintes. Como consequência, uma dívida que começou com US\$ 4,3 bilhões encontra-se hoje em US\$ 74 bi.

Essa quantia, somada à dívida com aposentadorias em Porto Rico, que chega a US\$ 49 bilhões, alcançou um montante de US\$ 123 bi, superando o PIB da ilha, que é de US\$ 100 bilhões.

A solução encontrada – diferente-mente do socorro do Estado norte-americano aos bancos, com injeção de

bilhões em dinheiro público – foi a criação, pelo governo dos EUA, de uma Junta (Conselho de Controle Fiscal) formada por sete integrantes, dos quais dois, Carlos García e José González, são ex-diretores do Santander. Ou seja, os mesmos que arquitetaram as regras perversas com que se desenhou a emissão de bônus da dívida, agora fazem parte de um conselho que dita um remédio amargo para a ilha.

A Junta determinou medidas neoliberais profundas, com cortes de gastos públicos, de empregos e privatizações, que



Ato na Filadélfia contra o papel do Santander na crise da ilha

engendram mais miséria, desigualdade e dependência econômica do território. O plano de austeridade imposto prevê, entre outras medidas, redução de 20% nos dias de trabalho, redução de 10% nas pensões, cortes no orçamento público da Universidade de Porto Rico, cortes na área de saúde e fechamentos de escolas. •

PRÁTICAS ANTISSINDICAIS NOS EUA

Os gestores do Santander nos EUA ameaçam os bancários que tentam se organizar em sindicatos. Sem poder de mobilização, os empregados do banco ganham salários que não os permitem sobreviver no país.

Diversas organizações, entre elas a UNI Finanças Mundial e todas as suas entidades afiliadas (entre elas

a Contraf-CUT), atuam para ajudá-los na luta pelo direito à sindicalização. Para isso, reivindicam que o Santander assine um acordo de neutralidade que coloque fim a essa prática antissindical e permita o que é um direito básico de todo o trabalhador: lutar de forma organizada por melhores condições de trabalho e remuneração. •

EX-DIRETORES SERÃO OUVIDOS EM JUÍZO

A gestão temerária do Santander no mundo pode estar se voltando agora contra alguns de seus principais executivos. Na segunda-feira 12 de junho, sete ex-diretores da instituição espanhola deverão prestar depoimento à Justiça espanhola.

O juiz José de la Mata, da Audiência Nacional, alto tribunal especializado em casos complexos, também ouvirá três ex-diretores da sucursal na Espanha do francês BNP Paribas por acusações de corrupção, segundo os autos do processo. A maioria dos investigados atuava na área prevenção de lavagem de dinheiro em seus bancos.

As investigações tiveram início em 2011, após a divulgação da lista de contas do HSBC suíço na qual figurava também Emilio Botín, presidente do Santander falecido em setembro de 2014. Os documentos foram gravados entre 2005 e 2007 por

Hervé Falciani, ex-funcionário do HSBC em Genebra, e entregues à Fazenda francesa em 2009.

A chamada "lista Falciani" enumera contas de supostos sonegadores em países como França, Bélgica, Espanha e Argentina. Os dados dão conta da maior checagem bancária de todos os tempos, trazendo à luz cerca de 30 mil contas, num valor total de 102 milhões de dólares (segundo informações do Europa Press).

Santander – O banco defendeu em comunicado suas atividades, alegando que "cumpru escrupulosamente a normativa e os padrões aplicáveis o tempo todo". Afirma estar "colaborando com a Justiça" para que "fique claro o quanto antes que atuou corretamente". •

NO BRASIL, CORTE DE EMPREGOS

O Brasil é responsável pelo melhor resultado do Grupo Santander no mundo. Com um lucro recorde de R\$ 2,280 bi no primeiro trimestre do ano (crescimento de 37,3% em 12 meses), a unidade brasileira responde por 26% do resultado global, ficando à frente do Reino Unido (17%) e da Espanha (16%).

E o que o banco espanhol devolve ao país onde ganha tanto? Desemprego! Em 12 meses, o Santander Brasil extinguiu 3.245 postos de trabalho.

"O banco demite pais e mães de família, privando-os de seu trabalho, seu sustento e sua dignidade. Em que pese a unidade brasileira ser a mais lucrativa do grupo em todo o mundo, o único local onde o Santander demite é no Brasil. É um desrespeito com os trabalhadores que são responsáveis pela maior parte de seu lucro global", critica a diretora executiva do Sindicato e coordenadora da Comissão de Organização dos Empregados do Santander (COE), Maria Rosani. •